

MORAL E ECONOMIA DE MERCADO EM ADAM SMITH *MORAL AND MARKET ECONOMY IN ADAM SMITH*

Sergio Adriano RIBEIRO
Doutorando em filosofia política pela UNISINOS
E-mail: s.adrianoribeiro@outlook.com

RESUMO:

Neste artigo busca-se analisar nos escritos de Adam Smith uma relação entre moralidade e mercado/capitalismo. Isso pode ser visto em suas obras *The Wealth of Nations* e *Theory of Moral Sentiments*. Mesmo que Smith considera estes escritos interdependentes, ambos fazem parte de um projeto filosófico de maior amplitude. Desta forma, surgem as questões como: a) Mercado e moral tem alguma relação? b) Podemos fundamentar em Smith uma relação entre economia e moral? c) O indivíduo que se envolve com o mercado pode ser portador de uma moralidade? d) O capitalismo só pode ser desenvolvido dentro de um sistema de exploração e conseqüentemente por um via imoral? e) E para sermos prósperos devemos abandonar qualquer resquício de moralidade? No entanto, objetiva-se mostrar que tais questões já estão presente no pensamento de Smith, sendo possível ver uma fundamentação e compreensão do aspecto moral nas relações de mercado/capitalismo.

PALAVRAS CHAVES:

Moralidade, Economia de mercado, Interesse próprio, Simpatia.

ABSTRACT:

This article seeks to analyze in Adam Smith's writings a relationship between morality and market/capitalism. This can be seen in his works *The Wealth of Nations* and *Theory of Moral Sentiments*. Even though Smith considers these writings to be interdependent, they are both part of a larger philosophical project. In this way, questions arise such as: a) Do market and morale have any relationship? b) Can we base a relationship between economics and morality on Smith? c) Can the individual who gets involved with the market be the bearer of a morality? d) Can capitalism only be developed within a system of exploitation and consequently in an immoral way? e) And to be prosperous we must abandon any trace of morality? However, the objective is to show that such questions are already present in Smith's thought, making it possible to see a foundation and understanding of the moral aspect in market/capitalism relations.

KEYWORDS:

Morality, Market economy, Own interest, Sympathy.

1. INTRODUÇÃO

A *Theory of Moral Sentiments* (1759) e *The Wealth of Nations* (1776) de Adam Smith (1723-1790) parecem sofrer de uma tensão insolúvel. A *Theory of Moral Sentiments* exalta a simpatia humana, enquanto *The Wealth of Nations* exalta as consequências do interesse próprio, ficando assim conhecido como o “Problema de Smith”. Este artigo adota uma abordagem por meio de uma análise textual focando no conceito de simpatia encontrado na *Theory of Moral Sentiments*, cujo objetivo é demonstrar a conexão entre moralidade e mercado/capitalismo, e apresentando os meios para uma crítica aos cétricos do capitalismo. No entanto, o “problema de Adam Smith” persiste em uma tensão entre sua teoria moral baseada na simpatia exposta na *Theory of Moral Sentiments*, e sua teoria econômica baseada sobre interesses próprios, estabelecido na *The Wealth of Nations*. A simpatia e o interesse próprio parecem estar em desacordo. No entanto, a leitura e análise das questões econômica de Smith acompanhadas com exemplos históricos e situacionais, apresenta a moral como um princípio competente para avaliar as ações econômicas e políticas.

Smith na *The Wealth of Nations* aborda tanto a moral quanto a economia de mercado, creditando a moralidade um elemento fundamental para o funcionamento adequado da economia de mercado/capitalismo. Defendeu que a busca individual pelo auto interesse não é incompatível com a moralidade, mas pelo contrário, pode levar a resultados benéficos para a sociedade como um todo. Smith desenvolve a ideia do sistema de simpatia no qual os indivíduos têm uma capacidade natural de se identificar e se solidarizar com os outros. Essa capacidade moral de simpatia nos leva a considerar o impacto de nossas ações sobre os outros e a agir de forma a promover o bem-estar geral. Acreditava que a justiça era um princípio fundamental que deveria orientar as transações comerciais e as relações econômicas, e a sociedade deveria estabelecer regras e instituições justas que permitissem a livre troca de bens e serviços, evitando o abuso e a exploração.

Smith é mais conhecido por sua defesa da economia de mercado livre onde defendeu a livre interação entre compradores e vendedores, orientada pelo auto interesse, que levaria a uma alocação eficiente de recursos e ao crescimento econômico.¹ No entanto, Smith não era um defensor irrestrito do

¹ “Smith era fortemente ambivalente sobre o efeito que o mercado realmente tem na sociedade. O projeto em *The Wealth of Nations* é, claro, como o título sugere, para explicar por que alguns estados se tornam ricos enquanto outros não [...] Smith caracteriza a prosperidade dos países ricos, onde mesmo os mais pobres podem desfrutar de uma parcela maior das necessidades e conveniências da vida do que é possível para qualquer selvagem”. (HEILBRONER, 1982, p. 432)

livre mercado, reconhecendo a necessidade de regulamentações para evitar práticas monopolísticas, fraudes e abusos. Via a moralidade como um componente essencial para o funcionamento adequado da economia de mercado, e defendeu a importância da simpatia, justiça e equidade, e a ideia de que o auto interesse individual, quando balanceado com a moralidade e regras justas, poderia levar a um sistema econômico mais próspero e harmonioso.

2. ASPECTOS MORAIS

É amplamente atribuído a Smith a paternidade da economia liberal, e conseqüentemente creditado em sua conta o título de fundador e sistematizador do que hoje conhecemos como mercado livre. A esse respeito seu projeto se enquadra na corrente principal do Iluminismo escocês, lançando na *The Wealth of Nations* as bases do sistema capitalista. Tal obra é considerada uma das mais influentes dentro da esfera da economia e conseqüentemente no campo da política e da ética. Smith mesmo tendo sua importância, e se afirmando ao longo dos anos como uma das bases do pensamento econômico, grande partes das pessoas não o leram.

Desta forma, a reputação de Smith na atualidade é muitas vezes embasada em alguns sofismas, e por meio de impressões obtidas de terceiros, e não como resultado de uma busca direta ao autor. Referente aos livros de Smith além de *The Wealth of Nations*, foi publicado um livro anterior a este pela primeira vez em (1759) com o título *Theory of Moral Sentiments*, Smith apresentou uma fundamentação de como são formados os sentimentos morais nos seres humanos. Em sua observação, a moral está muito associada ao conceito de *simpatia*, afirmando que todos os indivíduos apresentam e carregam em si mesmo: “um desejo natural de *simpatia mutua de sentimentos*” (1999, p. 06).

Na *Theory of Moral Sentiments*, Smith teve influência de Francis Hutcheson (1694-1746) um dos maiores teóricos protestantes da filosofia do direito natural, e amigo e filósofo empirista David Hume (1711-1776). Nela, Smith rejeita as teorias do egoísmo intrínseco do ser humano proferidas por Thomas Hobbes (1588), Bernard Mandeville (1670-1733) e posteriormente Jean J. Rousseau (1712-1778). Também rejeita a visão utilitarista para explicar as origens das regras morais, ao mesmo tempo afirma que nossas noções de moral e estética são baseadas em nossos sentimentos: “Smith desvenda o papel da solidariedade nas transações humanas, por meio da qual nós naturalmente julgamos a conduta e o caráter de outros e então, de acordo com Smith, os nossos próprios” (ROSS, 1999, p. 23). Assim, na *Theory of Moral Sentiments*, Smith desvenda o papel da *simpatia* como princípio harmonizador das paixões humanas.

No entanto, Smith não trabalha com estes conceitos na *The Wealth of Nations*, o que encontra nesta obra é uma fundamentação dos conceitos “interesse próprio”² e “amor-próprio”. Isso abriu portas, e possibilitou o surgimento de críticos acusando-o de certas contradições, visto que na *Theory of Moral Sentiments*, Smith defende que a virtude da simpatia é um conceito pertencente a filosofia moral. Esta condição se fez problemática em Smith, e permitiu a formulação da ideia de que a economia estava separada da vida humana, da moralidade, e conseqüentemente do mercado/capitalismo. Como já dito, o sistema econômico defendido por Smith na *The Wealth of Nations* trouxe as bases do capitalismo³, e se a questão moral não faz parte dele, logo as coisas para o capitalismo dente a piorar, sendo alvo de críticas ácidas de sistemas socialistas, coletivistas, ou de outras tradições fundamentadas em tais viés político, econômico.

Um grande enigma no pensamento de Smith, é como reconciliar a possibilidade de “juízo moral” com sua insistência de que o homem é fundamentalmente “autointeresse”. Um enigma que os estudiosos alemães do século XIX chamaram de “Problema de Adam Smith”. A expressão “o que está ruim, pode piorar”, parece ter sentido nesta questão. Pois, os críticos argumentam que existe em Smith uma incapacidade de juntar a moralidade com a economia, e que o sistema de Smith tão difundido, estudado e respeitado pela tradição liberal, é desprovido em grande parte, ou totalmente de moralidade. Com isso, o discurso de desigualdade social, exploração, e tantos outros típicos das políticas sociais, coletivistas, igualitárias acham brecha para a crítica a teoria econômica de mercado livre de Smith.

Analisa-se que Smith em seus escritos buscou realizar essa relação entre moralidade e mercado/capitalismo, e isso pode ser visto em seus dois livros *The Wealth of Nations* e *Theory of Moral Sentiments*, e mesmo que Smith considerava ambos os livros interdependentes, ambos fazem parte de um projeto filosófico de maior amplitude. Desta forma, surgem as questões como: a) Mercado e moral tem alguma relação? b) Podemos fundamentar em Smith uma relação entre economia e moral? c) O

² “Smith não acredita realmente que o homem seja motivado apenas pelo interesse próprio. Isso está naturalmente de acordo com a interpretação de *The Theory of Moral Sentiments* apresentada acima. Em vez de sermos caracterizados pelo interesse próprio, o que nos caracteriza, de acordo com Smith, é que possuímos uma certa perspectiva: um conjunto de crenças, atitudes e valores contra os quais nos deparamos com o mundo e outras pessoas. Essa perspectiva, enfatizamos, nos esforçamos para alinhar com as perspectivas dos outros. Em *The Theory of Moral Sentiments*, Smith também critica explicitamente a visão que sugere que, quando aprovamos uma ação, o fazemos com base no interesse próprio (FLEISCHACKER, 2004, p. 463-467).

³Vale lembrar que o conceito capitalismo não é usado por Adam Smith.

indivíduo que se envolve com o mercado pode ser portador de uma moralidade? d) O capitalismo só pode ser desenvolvido em um sistema de exploração e conseqüentemente por um via imoral? e) E para sermos prósperos devemos abandonar qualquer resquício de moralidade? A moralidade seria legitimada apenas em um sistema coletivista? Smith deixa claro que o governo do mundo tem sua base no “autointeresse”, princípio este duramente criticado pela tradição de vies social. No sistema capitalista o indivíduo está mais bem servido pelo autointeresse do que pelo “altruísmo”. Smith deixa isso claro quando diz:

Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que esperamos nosso jantar, mas de seu cuidado pelos próprios interesses. Dirigimo-nos não à sua humanidade, mas a seu amor- próprio de si mesmos, e nunca lhes falamos de nossas próprias necessidades, mas de suas vantagens.(1999, p. 76).

Esse posicionamento foi muito bem recebida pela classe capitalista, trazendo fortes impactos, e mudança desde a revolução industrial. Mas infelizmente existe uma marginalização, conscientemente ou não da dimensão moral da obra de Smith. As devidas questões de crítica a Smith, fazem parte da discussão dos críticos. No entanto, tais questões já estão presente no pensamento de Smith desde o século XVIII. Desta forma, é possível ver uma fundamentação e compreensão do aspecto moral nas relações de mercado/capitalismo, o que causa em muitos uma surpresa, por acreditarem não existir outra forma de classificar o sistema econômico de Smith se não de imoral.

O âmbito de pesquisa contemporânea está repleto de investigações sobre a moralidade na história da economia, onde apresenta que Smith possui uma fundamentação muito cautelosa. Em seus dois livros, Smith apresenta argumentos que resistiram ao tempo. Sabe-se que Smith se equivocou em alguns critérios, assim como qualquer outro filósofo que por mais que desejou acertou tudo. Smith nunca se referiu as suas ideias como capitalismo, livre empresa, ou laissez-faire, e não podemos reduzir seu pensamento à ideia de que o poder do governo deve ser amplamente minimizado, e a liberdade comercial totalmente maximizada. Os que dedicam ao conhecimento e a compreensão do pensamento de Smith, concluirão que ele não fez uma defesa do seu sistema econômico como um fim último como Ottesom afirmou:

O objetivo final da economia política como Smith a concebia era descobrir quais instituições públicas e sociais propiciariam uma sociedade próspera em que as pessoas teriam a chance de viver vidas verdadeiramente felizes. (2019, p. 23).

Uma sociedade comercial com as instituições certas, estão destinadas a enriquecer consumidores e produtores comuns, e conseqüentemente enriquecer uma nação. Desta forma, o mercado/capitalismo é uma das formas de legitimar um sistema político e econômico que defende a liberdade dando aos indivíduos incentivos para restringir seu comportamento. Como afirmou Cropsey:

Uma economia de mercado e a prosperidade democrática que ela engendra são valiosas porque promovem as virtudes—moderação, honestidade, confiabilidade, disciplina e civilidade – das quais a sociedade liberal depende. Smith defendeu o capitalismo porque torna a liberdade possível, não porque é liberdade.(2001, p. 32).

Como já apresentado, Smith é considerado o pai e fundador da economia moderna liberal, porém antes de tudo ele foi um filósofo moral. Em seu pensamento teve como objetivo buscar⁴ um entendimento da estrutura psicológica do ser humano com o propósito de obter conhecimento da capacidade do ser humano para as virtudes morais e dos objetos adequados para a vida pública como afirmou Otteson:

Para isso, primeiro ele teria de entender a natureza e a psicologia humana, e o que constituiria a felicidade humana genuína: esse foi o objetivo primário de seu primeiro livro *A teoria dos sentimentos morais*. Desta forma, o economista político teria de entender a condição humana, as restrições materiais e outras encaradas pelo ser humano: o objetivo primário de seu segundo livro *A riqueza das nações*. Só então ele poderia fazer recomendações positivas sobre quais políticas permitiriam a criaturas como nós, segundo nossas condições particulares, prosperar e florescer. As recomendações

⁴ Uma das questões que levou Smith a se aprofundar nesta questão, foi a cautela para que sua filosofia do indivíduo de autointeresse, não fosse associada aos problemas da filosofia moral do XVIII, e as ideias de Bernard Mandeville como descreve Salmonn: “O grande problema da filosofia moral no século XVIII era reconciliar a velha ética com a nova economia” [...] “Este problema girava em torno do dilema de encontrar um princípio unificador da vida social em uma sociedade comercial caracterizada pela competição e pelo indivíduo busca do interesse próprio. Como os indivíduos atômicos da sociedade comercial eram mantidos juntos? O que impediria uma sociedade caracterizada pelo individualismo econômico de se fragmentar? Como a virtude - um compromisso com a prioridade do corpo político sobre os interesses do indivíduo - deveria ser mantida em uma ordem social individualista? Essas foram as questões que, de uma forma ou de outra, preocuparam os teóricos sociais do Iluminismo escocês”[...] “Esse problema surgiu mais claramente na Fábula das Abelhas, de Bernard Mandeville. Com o subtítulo: “Vícios privados, benefícios públicos”. Na fábula The Bernard Mandeville argumentou que a corrupção, a fraude e o engano eram economicamente benéficos. Na fábula, a eliminação desses três vícios leva ao colapso do comércio e da indústria. Assim como o roubo faz trabalho para o chaveiro, o luxo e a extravagância estimulam muitos negócios. Com base neste argumento, Mandeville orgulhava-se de ter demonstrado que nem as qualidades amigáveis e afeições bondosas que são naturais ao homem, nem as verdadeiras virtudes que ele é capaz de adquirir pela razão e pela abnegação, são o fundamento da sociedade; mas o que chamamos de Mal neste mundo, tanto moral como natural, é o grande princípio que nos torna criaturas sociáveis, a base sólida, a vida e o suporte de todos os negócios e empregos, sem exceção. (SALMONN, 1975, p. 40/41).

político-econômicas feitas por Smith em *As riquezas das nações* podem ser entendidas, como resultado desse processo investigativo de duas fases. (2019, p. 23).

De forma semelhante a Otteson Smith diz “[...] que seu sistema moral é baseado em um olhar sóbrio sobre como os seres humanos realmente se comportam, em vez da ideia de “um ser perfeito” que existe apenas na imaginação” (1999, p.75). O fundamento da visão de Smith é que o homem é governado pelas paixões e apetites que se preocupam com si mesmo. Os objetivos primários dos seres humanos, são “[...] a autopreservação e a propagação da espécie. A humanidade é dotada de um desejo por esses fins, e uma aversão pelo contrário” (1999, p.59). Enquanto o homem se distingue dos animais inferiores em parte por sua capacidade de raciocinar, nossa razão é uma serva de nossos apetites. Assim, Smith identifica uma grande providência do autor da natureza ao deixar nossos julgamentos morais, um princípio de fundamental importância para o bem-estar, e para a conservação da sociedade e da vida humana ao cargo de nossos instintos primários e imediatos a simpatia, ao invés das perdas e insegurança das determinações da razão humana:

Portanto, embora o homem seja naturalmente dotado de um desejo de bem estar e conservação da sociedade, o Autor da natureza não confiou a razão descobrir que uma certa ação punitiva constitui o meio adequado para alcançar esse fim; dotou-o, entretanto de uma imediata e instintiva aprovação daquela aplicação, a qual é mais adequada para alcançá-lo (SMITH, 1999, p. 94).

Embora a preocupação dominante do homem seja pelo seu próprio interesse, também possui uma simpatia natural que o inclina a conter seus impulsos socialmente perniciosos. Smith escreve: “Por mais egoísta que se suponha o homem, evidentemente há alguns princípios em sua natureza que o fazem interessar-se pelo sucesso de outros, e considerar a felicidade deles necessária para si mesmo, embora nada obtenha disso se não o prazer de assistir a ela”(1999, p. 06). A simpatia natural opera obrigando um indivíduo a refletir sobre seu comportamento à luz das circunstâncias e experiências de seus companheiros. Smith admite no entanto, que a benevolência não é confiável: “O homem tem constantes ocasiões para a ajuda de seus irmãos, e é em vão para ele esperar isso apenas da benevolência deles”(1999, p.158).

Benevolência pode ser o único princípio de ação na divindade, mas o mesmo não pode ser dito de uma criatura tão imperfeita como o homem”(1999, p.162). O homem pode simpatizar com os outros, mas não pode ser persuadido por argumentos racionais de que a benevolência é mais importante do que seus próprios interesses. Na verdade, que a benevolência entra em conflito com as necessidades

individuais do homem, isso é óbvio na dinâmica do mercado. Como Smith escreve no início de *The Wealth of Nations*: “Não apelamos para a benevolência do açougueiro e do padeiro, mas para seu interesse próprio e vantagem para alcançar os fins da sociedade” (2016, p. 58). Assim, Smith rebaixa a barreira da concepção cristã de caridade para uma compreensão mais prática e material da benevolência.

Smith em sua filosofia como já citado, apresenta antes de tudo uma filosofia moral. Desta forma, volta toda a sua atenção para um problema de comunicação da linguagem, problema este que Smith o classificou como um problema de harmonia social. Partindo do princípio da estrutura humana do autointeresse, como os seres humanos poderiam expressar seus sentimentos, e dar-se a uma relação de experiência uns com os outros? Ou seja; como poderia seres humanos independentes, os quais na busca de seus autointeresses, se dar a condição de unir-se a outros para contribuir para um ambiente social no qual o outro não seja violado em sua humanidade? A partir desta problemática Smith afirma “[...] que sem um sistema de justiça, e uma ordem política, a sociedade humana deve em um momento se desintegrar em átomos” (1999, p. 84). Mas antes de considerar a justiça e a política, Smith precisava estabelecer os princípios filosóficos das relações sociais que tornam a sociedade civil possível; este é o objetivo básico da obra e *Theory of Moral Sentiments*. Na verdade, parece que tendo lutado com o problema da linguagem, Smith se sentiu compelido a retroceder para estabelecer os pressupostos psicossociais da linguagem e da comunicação. Falando da beleza da linguagem, ele afirma que:

Sempre que o sentimento do orador é expresso de uma forma limpa, clara, clara e inteligente, e a paixão ou afecto de que ele é possuidor e pretende, por simpatia, comunicar ao seu ouvinte, é clara e inteligentemente atingido, então apenas a expressão tem toda a força e beleza que a linguagem lhe pode dar. (1999, p.84).

Essa passagem sugere que a capacidade de um orador de comunicar seus sentimentos ou pensamentos depende de sua simpatia para com o público. Como base de todas as relações sociais, um vínculo mútuo de simpatia [a qual para Smith significa sentimento de solidariedade] entre um ator e espectador (es) da ação, um pré-requisito para a comunidade de sentimentos que torna a vida social possível. A conversação social exige que os indivíduos construam uma rede de sentimentos comuns para compartilhar, em certa medida, os sentimentos uns dos outros. Smith acreditava que conversação e sociedade proporcionam prazer aos indivíduos. Esse prazer “[...] surge de uma certa correspondência de sentimentos e opiniões de uma certa harmonia de mentes que como tantos instrumentos musicais coincidem e marcam o tempo entre si” (1999, p. 98). Essa harmonia de mentes é baseada em uma estrutura de sentimentos e opiniões morais compartilhados. Mas o que torna possíveis sentimentos e

opiniões compartilhados? Segundo Smith, a simpatia é a base do vínculo social. Mas, a simpatia requer um mecanismo específico para produzir sentimentos morais; esse mecanismo Smith chama de “o espectador imparcial”.

A teoria moral de Smith baseia-se na visão de que é da natureza dos seres humanos desejar uma harmonia entre seus sentimentos e os dos outros. Devemos enfatizar, que Smith é popularmente concebido como o apóstolo do interesse próprio; como a força motriz nos assuntos humanos, e que a simpatia “não pode, em nenhum sentido, ser considerada um princípio egoísta” (1999, p. 95). Esta concepção é uma confrontação as concepções do egoísmo representada por Hobbes e Mandeville, que reduz os sentimentos sociais ao interesse egoísta. Smith admite que o amor próprio é uma grande paixão humana. Assim, o objetivo de Smith é explorar os sentimentos de simpatia: “Por mais egoísta que o homem possa supostamente ser, há alguns princípios em sua natureza, que o interessam na fortuna de outros, e tornam sua felicidade necessária para ele, embora ele não tire nada disso, exceto o prazer de vê-la” (1999, p. 06). Smith na *Theory of Moral Sentiments* buscou apresentar uma teoria do conhecimento de como os indivíduos desenvolvem sentimentos morais, apresentando um processo no qual os indivíduos desenvolvem sentimentos morais ao longo do tempo, por meio do caminho da interação com outros indivíduos:

Quando aprovamos algum caráter ou ação, os sentimentos que experimentamos, segundo o sistema citado, derivam de quatro fontes, em alguns aspectos diferentes entre si. Primeiro, simpatizamos com os motivos do agente; segundo, participamos da gratidão dos que recebem benefício de suas ações; terceiro, observamos que sua conduta obedece às regras gerais por meio das quais essas duas simpatias geralmente agem; e, por último, se considerarmos tais ações como parte de um sistema de conduta que tende a promover a felicidade do indivíduo ou da sociedade, então dessa utilidade poderá resultar certa beleza, não muito distinta da que atribuímos a qualquer máquina bem engendrada. (1999, p. 406).

3. PROBLEMA DE ADAM SMITH

Tocando no dilema chamado o “Problema de Adam Smith” em relação entre a *The Wealth of Nations* e *Theory of Moral Sentiments*, sobre a questão da crítica das duas obras serem uma

contradição, cabe uma abordagem dentro da temática destes textos sobre a perspectiva que os dois livros andam juntos. Smith em sua explanação sobre a moralidade, apresentou que os padrões de moralidade passa por um processo o qual podemos identificar como ordem espontânea. Um exemplo de ordem espontânea apresentado por Smith é o mercado econômico, descrito na *The Wealth of Nations*, onde os individuais dentro do mercado econômico tem intenção de "[...] melhorar a sua própria condição" (2016, p. 225). No entanto, estes indivíduos não têm em mente um projeto que cuja as intenções maiores que diz respeito a uma mudança coletiva de ordem global. Os indivíduos apenas querem alcançar os seus objetivos por meio da cooperação com outros indivíduos que o desejem. Essas tentativas são totalmente individualistas, e descentralizadas de objetivos coletivistas. Trata de uma condição humana que conduz ao desenvolvimento de padrões e princípios de comportamento.

A defesa de Smith, é que a moralidade do indivíduo, assim como o mercado se constrói por meio de um sistema de interação social da linguagem com base em inúmeras decisões, ações e interações individuais, mas sem qualquer plano global e sem um projetista global, sem indivíduos centralizadores que defendem uma engenharia social. Cada indivíduo inicia sua vida sem qualquer sentimento moral, mas com um desejo instintivo de simpatia mútua de sentimentos, e de interações com outros. De igual modo deseja alcançar a simpatia mútua, levando a desenvolver hábitos de comportamento bem sucedidas.

Isso contribui para o desenvolvimento dos indivíduos e podem tornar-se um sistema partilhado de julgamento moral. Um sistema que nenhum indivíduo planejou, mas para o qual todos os indivíduos contribuí, reconhece, e respeita. O relato pioneiro de Smith sobre a moralidade humana, é que não nos é dados sentimentos morais; e não os deduzimos nem os apreendemos de uma vez por todas. Em vez disso, desenvolvemos sentimentos morais ao longo do tempo. Portanto, a medida pela qualum homem julga as ações do outro é a medida pela qual ele julga as suas próprias ações. Como deixa claro Smith na passagem abaixo:

Toda faculdade de um homem é a medida pela qual ele julga a mesma faculdade em outro. Julgo sua visão pela minha visão, seu ouvido por meu ouvido, sua razão por minha razão, seu ressentimento por meu ressentimento, seu amor por meu amor. Não possuo nem posso possuir nenhum outro modo de julgá-las. (1999, p. 18).

A nível individual treinamos o nosso julgamento e os nossos sentimentos como resultado das interações que temos com os outros quando recebemos julgamentos positivos e negativos de outros indivíduos. Por isso, somos encorajados a descobrir e seguir regras de comportamento que passamos a ver como morais por causa das nossas necessidades e desejos, ambos os quais só podem ser satisfeitos em relações de cooperação com outros. Os esforços descentralizados dos indivíduos produzem uma ascensão involuntária, sem que nenhum dos indivíduos planeje um sistema partilhado de moralidade. Algumas destas regras de moralidade descobertas e desenvolvidas, são fundamentais para a existência da sociedade, e necessária para a sobrevivência individual. Pode parecer até mesmo sagrado como Smith descreveu que as regras de “justiça” e da “benevolência”, são pertinentes na formulação do sistema de moralidade do indivíduo. Pois, desenvolvem a generosidade, caridade, ações prestativas, amizade, lealdade, princípios fundamentais para a conveniência segundo Smith:

As regras da justiça podem ser comparadas às regras da gramática; as regras das outras virtudes, às regras que os críticos estabelecem para a obtenção do que é sublime e elegante na composição. Estas, são precisas, precisas e indispensáveis. Os outros, são soltos, vagos, e indeterminados, e apresentam-nos antes uma ideia geral da perfeição que nós deve visar, do que nos ordenar quaisquer direções certas e infalíveis para a aquisição. (1999, p 126).

Otteson em sua análise sobre filosofia moral, política econômica de Smith usa em sua conclusão a conceituação mercado da moralidade:

Utilizo o termo mercado da moralidade deliberadamente porque as características do modelo de Smith aproximam uma ordem de mercado que é mais familiar noutras partes da vida social humana, como os mercados económicos. O sistema de moralidade humana que Smith tenta explicar e explicar envolve elementos de troca, concorrência e cooperação num contexto de luta descentralizada para assustar os recursos que assemelha-se de facto aos mercados económicos. Se se verificar que elementos semelhantes podem ser encontrados em Smith's Wealth of Nations, então isso significaria que o modelo Smith desenvolve-se em Theory of Moral Sentiments aplica-se também à Wealth of Nations..Longe de serem inconsistentes, os dois livros estariam unidos a um nível profundo. (2019, p.12).

A política de Smith, e a sua economia em favor de uma abordagem holística trata o pensamento político e económico como parte do mesmo tecido, mas sem tornar a política de Smith subserviente à sua economia, nem o contrário. De acordo com Hebert “Smith percebeu uma estreita e recíproca relação entre comércio e liberdade, entre o progresso económico e as suas consequências

morais e políticas. Esta relação é complexa e fundamental e se reforçam mutuamente” (1996, p. 75). Smith reconhece que a liberdade é um elemento fundamental para a economia e o desenvolvimento, e que o desenvolvimento econômico produz a liberdade individual, ou seja, o desenvolvimento econômico fomenta e desenvolve uma política de justiça, liberdade pessoal individual, ao mesmo tempo que protege os direitos de propriedade privada, e os outros direitos civis.

É visível que Smith é conhecedor das questões trabalhada pelos clássicos sobre a ideal de vida boa e sociedade boa. Em seu sistema filosófico, tais ideais é visível, mas com o princípio da liberdade em pé de igualdade com a justiça. A esta junção, Smith adicionou o elemento que segundo ele todos os homens buscam a “riqueza”. Em sua concepção política não determinou uma forma única de governo como correta, mas apresentou elementos fundamentais para o desenvolvimento do indivíduo nas condições necessárias de produção da riqueza de uma sociedade de mercado, cujas as bases são a liberdade e a justiça. Neste ponto faço minhas as palavras de Donald:

A economia de Smith está enraizada na sua política, em vez do contrário. Começando com a premissa de que o objectivo da política é estabelecer uma sociedade virtuosa, Smith argumentou de forma mais eficaz que os seus predecessores que a busca relativamente de estar livre da riqueza era uma ato virtuoso – ou, pelo menos, um substituto para a virtude. Não obstante; este é a inconfundível mensagem da Doutrina da Mão Invisível, ou seja, que é provável que resulte mais bem de permitir aos indivíduos a prossecução dos seus próprios interesses do que impondo de cima uma noção nebulosa do “interesse público” sobre os “interesses individuais” (1991, p. 29).

No domínio do comportamento social, a doutrina da mão invisível é uma poderosa mensagem prática, porque promove o sucesso na promoção do avanço da riqueza pública, e não requer a perfeição da natureza humana. O conceito de moralidade natural de Smith, tal como o seu conceito de natureza, imperfeição reconhecida toma o homem como ele é: “interesse próprio”, “ser humano em autopreservação”. Parte da aceitação da política de Smith, está na aquilo que ele chamou “o sistema comercial”, ou seja, a liberdade individual depende apenas de deixar as pessoas serem elas próprias. Desta forma, na concepção de sociedade de Smith na Doutrina da mão invisível, é uma condição fundamental para os aspectos práticos, desenvolvimento da sociedade, avanço da riqueza pública, e do indivíduo.

Smith na “doutrina da mão invisível” e conseqüentemente em todo seu pensamento por meio dos conceitos “natureza” e “imperfeição reconhecida”, não tem por objetivo buscar a perfeição da natureza humana. Como já enfatizado anteriormente; Smith olha para o homem como ele é; um

indivíduo com “interesse próprio”, e na busca de “autopreservação”. Para elevar a justiça como fundamento da política, e assim garantir a liberdade, foi necessário que Smith retomasse os conceitos de dever e virtude. A sua reprovação dos defeitos morais e intelectuais da sociedade comercial pode ser considerada como o sinal do seu pensar pelo preço que deve ser pago pela vida humana e a civilizada tal como a entendia. A civilização e o comércio que ele defendia estar inseparavelmente ligados. Este preceito é um enigma por si só, mas é totalmente inteligível quando percebemos que por civilização Smith entendia uma sociedade livre e secular, alcançável apenas pela justiça, e a ação de homens livre dentro de uma sociedade de mercado.

4. CONCLUSÃO

A *Theory of Moral Sentiments*, apresenta o princípio da simpatia como responsável por nossos julgamentos morais, e que o prazer que obtemos com a mútua simpatia, e responsável pelo controle de nossas paixões, para que assim o espectador imparcial possa se solidarizar com elas. Além disso, as preocupações com nossa própria felicidade, nossos afetos egoístas são indispensáveis para a sobrevivência dos homens. Já nossos afetos benevolentes, apesar de moralmente superiores, tornam o caráter de seu portador mais elevado, e não antagonizam como nosso amor-próprio, pois nossa felicidade só é encontrada quando recebemos a solidariedade dos outros. Já nas *The Wealth of Nations*, Smith desvela os princípios que regem a ordem econômica, e como a busca pelos nossos próprios interesses impulsionam esses mecanismos para frente, cabendo a “mão invisível do mercado”. Porém, se constitui uma obra de economia e política de estudo mais restrito. Além disso, sua leitura adquire seu verdadeiro brilho ao ser lida à luz das teses contidas.

REFERÊNCIAS

BASTIAT, F. *The Law by Frederic Bastiat*. EUA. Ed by BN Publishing, 2007.

CROPSEY, J. *Polity and Economy: With Further Thoughts on the Principles of Adam Smith*. EUA. St. Augustines Press; 1º Edition, 2001.

DONALD, W. *Adam Smith's Politics*. EUA. Revisited, Quaderni de Storiadell Economia Politico, 9 : 3-27, 1991.

FERGUSON, A. *An essay on the history of civil society*. Nova York: CambridgeUniversity Press, 1995.

FLEISCHACKER, S. *On Adam Smith's Wealth of Nations*. Princeton. University Press, 2004.

HAYEK. F. A. *The Road to Serfdom*. University of Chicago Press. 2016.

HÉBERT, R F. *Adam Smith and the Political Economy of American Independance*.EUA, 1996.

HEILBRONER, R. L. *The socialization of the individual in Adam Smith. History of Political Economy*, Durham, v. 14, n. 3, p. 427-439, 1982.

OTTESON, J. *The Essential Adam Smith*. Canadá. Ed The Fraser Institute, 2019.

SALMONN, J. H. M. *Society in crisis: France in the sixteenth century*. London.Distributed by General Pub, 1975.

ROSS, S.I. *Adam Smith. A Biography*. Londres. Oxford University Press. EUA,1999.

SMITH, Adam. *The Theory of Moral Sentiments*.. Londres. Ed by Penguin Books, 1999.

SMITH, Adam. *Wealth of Nations*. Vol. I e II. EUA. Wordsworth Editions, 2016.



RIBEIRO, Sergio Adriano . MORAL E ECONOMIA DE MERCADO EM ADAM SMITH. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.21, n.1, 2024, eK24008, p. 01-14.

Recebido: 11/2023
Aprovado: 12/2023